

AS CONCEITUALIZAÇÕES DO SUBDESENVOLVIMENTO E SEUS DESDOBRAMENTOS *

Élbio Troccoli Pakman **

A PROBLEMÁTICA

Na atualidade falar em subdesenvolvimento é referir-se a um tema acerca do qual quase todo interlocutor tem uma idéia mais ou menos formada a seu respeito. Um estudo aprofundado nos revelaria substanciais discrepâncias na sua conceitualização e a ambiguidade mesma da noção. Confirma-se assim tratar-se de um vocábulo de significado nebuloso, embora profusamente difundido e empregado por autores e grupos os mais dissímiles.

Convém por isso fazer uma incursão nas origens da problemática do subdesenvolvimento e examinar como ela tem sido abordada por diferentes estudiosos e correntes de pensamento e as distintas teorias ou modelos de subdesenvolvimento que se tem gerado.

Preliminarmente é útil lembrar que o conceito de *subdesenvolvimento* está umbelicalmente ligado ao de *desenvolvimento*. O conceito de subdesenvolvimento carece de sentido se não está inserido numa teoria do desenvolvimento, já que é, por natureza, um conceito eminentemente *comparativo*, e por isso seria metodologicamente incorreto seu tratamento isolado. Esta relação porém, não pode ser entendida em sentido estrito nem absolutizada, reduzindo esta peculiaridade à sua essencialidade. Num nível mais profundo da análise — como se terá ocasião de ver mais adiante em detalhes, a relação mútua volta a aparecer, já que o *subdesenvolvimento de uns é a contrapartida e o produto do desenvolvimento de outros*. Ambos os fenômenos são, pois, aspectos inseparáveis e dialeticamente interligados de um único processo complexo: o da evolução transformatória da sociedade na forma concreta como ele tem transcorrido historicamente.

Nesta perspectiva, não se pode deixar de dizer que o subdesenvolvimento não é apenas nem principalmente uma questão técnica, mas fundamentalmente uma realidade de índole social, um *fenômeno social complexo*. Por essa razão, sua dimensão histórico-social não pode ser negligenciada nem camuflada.

As raízes históricas do subdesenvolvimento remontam à própria deflagração da "revolução industrial" nos séculos XVIII e XIX e ao auge inicial do capitalismo. Foi esse processo histórico que gerou uma bifurcação originária do mundo, opondo os países *desenvolvidos* — ou *avançados, modernos, industrializados, cêntricos, ricos, dominantes*, aos países *subdesenvolvidos* — ou *atrasados, sub-, pré- ou não-industrializados, periféricos, pobres, dependentes*, etc. Foi assim verificada a vigorosa emergência econômica de uns países e seu distanciamento crescente com o resto do mundo. E é essa também a causa da repetição

(*) Relatório apresentado na Mesa Redonda "Saúde Mental e Subdesenvolvimento", na III Jornada Paraibana de Psiquiatria e I Encontro Multiprofissional de Saúde Mental, realizado de 18 a 21 de março de 1983 em Campina Grande, Brasil.

(**) Economista, professor adjunto do Mestrado em Economia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa

Rev. RAÍZES	Campina Grande	Ano VI	Nº 6	49 a 60	Jan.86/mar.88
-------------	----------------	--------	------	---------	---------------

reiterada e ampliada desse processo diferenciador, que separa cada vez mais esses dois grupos.

Em conseqüência, desde os albores mesmos do capitalismo, e em especial a partir do auge da economia européia no século XVIII, verifica-se uma sucessão de denominações sob as quais tem se tratado esta problemática. Desde então, ela ocupa um lugar central nas teorizações dos diversos cientistas sociais. A história do pensamento nas várias ciências — a economia em particular — dá conta dos variados termos que nas distintas épocas históricas, e atendendo a situações concretas, desempenharam um papel análogo ao que modernamente corresponde à noção de desenvolvimento (e subdesenvolvimento): *riqueza, evolução, progresso, crescimento, industrialização ...*

O dito leva a pensar que não estamos frente a uma problemática inteiramente nova, e isso é certo. Mas, deve-se assinalar que o subdesenvolvimento no período contemporâneo reveste-se de contornos peculiares que fazem dele um fenômeno verdadeiramente original e recente. Isto ocorre em vista de alguns fenômenos novos (em particular, a alteração do panorama mundial, a explosão demográfica, e em função da tomada de consciência da relevância do problema e de que se deve agir para combatê-lo).

A problemática do subdesenvolvimento, como tal, adquire grande força no pós-guerra, principalmente a partir dos anos 50, quando surge como uma das novidades teóricas. Proliferam-se os trabalhos sobre o desenvolvimento/subdesenvolvimento e a temática domina as atividades de significativos congresos e organizações internacionais. Na base dessa mudança está o fato de que após a Segunda Guerra Mundial é que são substancialmente reestruturadas as relações políticas e econômicas internacionais. Configura-se um grupo importante de países socialistas que passa a ocupar um lugar destacado no cenário mundial rivalizando com o mundo capitalista; e desencadeia-se um processo de dissolução dos impérios coloniais e de descolonização, concomitante à crescente tendência à independência econômica dos países formalmente recém liberados e ainda fortemente subdesenvolvidos.

A nova configuração mundial encontra seu reflexo a nível teórico na idealização conceitual dos "três mundos": o dos países capitalistas desenvolvidos, o dos estados socialistas e, finalmente, o "dos outros", geralmente países capitalistas subdesenvolvidos. Surge assim a designação de *Terceiro Mundo*, cuja introdução nos anos 50 é atribuída comumente ao francês G. Balandier. Para os dois primeiros proliferam as "teorias do desenvolvimento" (e "do crescimento"), para o último aparecem as "teorias do subdesenvolvimento".

Importa agora ver como têm evoluído as abordagens da problemática do subdesenvolvimento, para se obter uma visão de conjunto e poder tirar as conclusões pertinentes.

A PREOCUPAÇÃO FUNDAMENTAL

No primeiro período do pós-guerra a atitude frente ao subdesenvolvimento era de *denúncia*, em particular da miséria e da fome que o acompanham como traços distintivos. Já nos anos 50 vai se dar um enfoque um pouco mais realista e multidisciplinar. Apesar disto, o subdesenvolvimento no fundamental era abor-

dado, simplisticamente, como sendo apenas um fenômeno de *retardamento* econômico. Em decorrência disso, incentivava-se os países subdesenvolvidos para que trilhassem os mesmos caminhos percorridos pelos hoje desenvolvidos. Inicia-se, a nível mundial, o período *desenvolvimentista*, que coloca a ênfase no crescimento via Industrialização, como remédio para todos os males que tanto abalaram o mundo capitalista desde a grande crise econômica, social e moral desencadeada em 1929. Entende-se então que, no momento da maior aceitação das idéias de Keynes no mundo ocidental, se encarasse a tarefa de eliminar o subdesenvolvimento apenas estimulando-se o crescimento máximo da produção, a ser atingida através de uma intervenção estatal baseada nos preceitos keynesianos de política econômica.

Com a chegada dos anos 60, vai se continuar aprofundando no sentido da complexidade do subdesenvolvimento e na necessidade de mudanças estruturais, e se passa a elaborar políticas específicas de desenvolvimento imbuídas do espírito de "modernização" então dominante.

Mas tal visão do subdesenvolvimento, e os paradigmas a ela ligados, caíram definitivamente por terra diante dos poucos resultados obtidos. A partir dos anos 70 fica patente que a tendência da economia mundial, concretamente da parte capitalista do mundo, é a de não retração do subdesenvolvimento e do aprofundamento dos *desequilíbrios* que se originaram com a "revolução industrial". Daí passaram a um primeiro plano as teorias que davam ao subdesenvolvimento um tratamento bem mais complexo e, conseqüentemente, mais em acordo com a índole do objeto de estudo. Tais concepções tinham já começado a abrir caminho com o início e avanço dos anos 50, como ficou acima explicitado.

Numa abordagem complexa vai se insistir na importância do conjunto das diversas estruturas que integram o sistema: econômicas, políticas, sociais, culturais e outras (entre elas a mental). A estrutura de saúde, física e mental, vai se tornar um dos indicadores para o julgamento do grau de desenvolvimento atingido por cada país.

De um modo geral, o acento é posto, nos anos 70, em aspectos ou indicadores divergentes dos do período anterior, aspectos estes considerados mais expressivos da finalidade de atendimento das necessidades sociais — é o período da luta contra o *desemprego* visível (e do chamado "desemprego disfraçado"), e de incentivo ao combate direto à *pobreza*. Estas novas preocupações deixariam em segundo plano as questões precedentemente privilegiadas do aumento da produção e da redistribuição da renda.

Já com a experiência dos exíguos resultados obtidos cumulativamente, os países subdesenvolvidos começaram se agrupar para reivindicar coletivamente uma solução de fundo. Esta situação adquire um perfil particular com a força adquirida por certos agrupamentos de países subdesenvolvidos, por exemplo o "Movimento dos Não-alinhados" e, em outra ordem de coisas, a OPEP.

Apesar de tudo, uma constatação se impõe: as colocações estão aí, e os problemas, agora agudizados pela atual crise, ainda se apresentam de maneira mais chocante.

AS CARACTERIZAÇÕES DO SUBDESENVOLVIMENTO

O problema da conceitualização do subdesenvolvimento está longe de ser

um simples jogo academicista ou uma vocação semântica, já que é chave para diferentes receitas práticas propostas para sair dele. É guia para a ação e esta nunca é descompromissada.

Dada a complexidade mesma do problema, assim como a multiplicidade de "mundos" e das diferentes correntes interpretativas detivadas da divisão clasista da maioria das sociedades contemporâneas, não podia esperar-se outra coisa senão a correspondente diversificação de teorias e idéias a respeito do subdesenvolvimento. Isto em função de distintas metodologias, ideologias, interesses pontos de vista transitoriamente relevantes, etc. Claro está que ao se adotar uma noção qualquer de subdesenvolvimento, se faz simultaneamente uma escolha por uma posição não só metodológica, mas também ideológico-filosófica.

Não existe apenas uma única definição nem denominação aceita por todos. São enormes as dificuldades de se encontrar um termo propício ao qual se exige nada menos que denotar adequadamente o fenômeno na sua complexidade e situação, dando conta de suas características básicas comuns ou *essência*, assim como também informar apropriadamente de suas *causas*. O conceito de subdesenvolvimento se refere a países em realidades tão distintas que, pela sua própria pretensão de universalidade, expressa no fim uma heterogeneidade de situações e espaços. Através de critérios deliberadamente escolhidos tenta-se estabelecer, conforme os dados empíricos, as características constitutivas, o fundo ou substância comum do fenômeno do subdesenvolvimento alí onde ele se encontre.

Ao admitir o conceito de subdesenvolvimento, implicitamente se aceita então a existência de um denominador ou fundamento comum que equipara no mais íntimo realidades aparentemente não comparáveis. Mas, não basta enumerar, justapor os critérios: é necessário sistematizar e hierarquizá-los. É aqui entra plenamente a dimensão ideológica, já que se está diante do dilema de se ter que optar por critérios teóricos que contribuam a uma ordenação adequada do tema tratado e da forma de abordá-lo, pré-estabelecidas pelo autor.

Uma vez determinada a *qualidade* do que é subdesenvolvimento, do subdesenvolvido, atinge-se a generalização do conceito. Pode-se a continuação passar ao estabelecimento das diferenças que servem para a separação e para a elaboração de classificações, desta vez atendendo a outros critérios, que mesmo sendo relevantes, aparecem como secundários em relação ao determinante qualitativo essencial. São numerosíssimas as tipologias, assim como são inúmeros os critérios e indicadores, e a importância relativa que pode ser atribuída a cada um deles, segundo o ponto de vista e os objetivos de cada autor.

Unanimidade existe apenas nas generalidades: 1) no referente à gravidade do fenômeno do subdesenvolvimento e suas proporções alarmantes (abrange a maior parcela da superfície do planeta e a esmagadora maioria da população mundial; 2) na indicação dos traços distintivos básicos do subdesenvolvimento (mesmo se uns colocam o acento num aspecto, alguns noutros, e finalmente o resto o faz no conjunto todo); e 3) na idéia de que os países desenvolvidos devem, de algum modo, dar sua contribuição (definida apenas genericamente como princípio geral) para que os subdesenvolvidos deixem de sê-lo.

Certo consenso também há em se atribuir ao desenvolvimento uma conotação de processo integrado de mudanças positivas que conduzem a uma situação de maior prosperidade. As diferenças surgem então não ao nível mais geral e

superficial, mas na explicitação das características e das causas a um nível de maior detalhamento, nas especificações das afirmações de tipo geral. Neste sentido, toda noção do subdesenvolvimento/desenvolvimento leva implícita uma tomada de posição face à definição das necessidades sociais e à força de atendê-las.

Dentro deste quadro convivem abundantes denominações que respondem pelo mesmo fenômeno. Segundo se coloque a ênfase num ou noutra aspecto, de um ou outro ponto de vista, fala-se em países *subdesenvolvidos*, *pouco desenvolvidos*, *em (vias de) desenvolvimento*, *pobres atrasados*, *sub-*, *pré-* ou *não-industrializados*, *periféricos*, *dependentes*, *de produção primária*, *dominados*, etc.¹

O subdesenvolvimento já tem sido tratado como *bloqueio do crescimento*, *círculo vicioso da pobreza (miséria)*, *sub-utilização de recursos*, *retardamento relativo*, *incapacidade de cobrir adequadamente as necessidades básicas da maioria da população*, *não-industrialização*, *estado secular de não-desenvolvimento*, etc.

O objetivo deste trabalho não é porém um desfile de definições ou de concepções, com as quais apenas se estaria mostrando que há tantas delas quanto autores dedicados à problemática, mas expô-las globalmente segundo o interesse que inspire este trabalho.

SUBDESENVOLVIMENTO:

FRACASSO OU RESULTADO DO DESENVOLVIMENTO

Do ponto de vista deste trabalho interessa diferenciar duas concepções básicas na abordagem e definição do subdesenvolvimento: como *fracasso* de desenvolvimento ou como *resultado* do desenvolvimento.

A primeira posição, que aponta o subdesenvolvimento como insucesso no caminho rumo ao desenvolvimento, está muito generalizada, e por isso aqui se dedica a ela mais atenção. É possível examiná-la conforme seja o subdesenvolvimento considerado uma etapa de crescimento (prévia ao desenvolvimento) ou como um estado durável. Neste grupo se incluem os que abordam o desenvolvi-

(1) "Os conceitos empregados para identificar um país tem necessariamente algumas destas facetas como principal elemento de referência. Há quem prefira falar de "países pobres", e considere em decorrência as outras expressões como meros eufemismos. Isto porque tem do subdesenvolvimento um conceito onde prevalecem os aspectos relativos à distribuição da renda, tanto entre países ricos e pobres como entre ricos e pobres dentro de um mesmo país. Quem fala em "subdesenvolvimento" tende a conceber o fenômeno como uma situação estrutural e institucional característica, como uma etapa no processo histórico de desenvolvimento. Os que preferem a expressão "países em vias de desenvolvimento" acentuam mais as possibilidades de aproveitamento do potencial produtivo de uma sociedade. Colocar a ênfase da "dependência" é preocupar-se essencialmente com as características que adquirem as relações econômicas, tecnológicas e políticas entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos. Quando se prefere, por último, a expressão "países não-industrializados" acentua-se implicitamente a importância especial atribuída à industrialização no processo de desenvolvimento." In: O. SUNKEL e P. PAZ, *El Subdesarrollo latinoamericano y la teoría del desarrollo*, C. México, 1983, p. 15.

mento como crescimento², como momentos de uma evolução contínua, e os que o enfocam como uma sucessão de etapas ou fases, que constituiria uma evolução descontínua. Esta visão pressupõe um elevado grau de autonomia e isolamento da sociedade em questão. Tratar-se-ia apenas de um atraso relativo de uns países em relação a outros.³

O grande problema inicial, segundo os mais diversos teóricos, consiste em conseguir a ruptura da situação de subdesenvolvimento, para entrar no caminho do desenvolvimento durável. Deste ângulo, o subdesenvolvimento é considerado como uma situação estável de não-desenvolvimento, ou na expressão de J. Freysinet, como "estado secular de não-desenvolvimento", que é caracterizado pela inexistência mesmo de mecanismos necessários ao crescimento. Aqui se inscrevem as mais diversas tentativas de explicação do subdesenvolvimento a partir de concepções do tipo do "círculo vicioso", do "circuito estacionário" schumpeteriano, ou a partir do subemprego latente visualizado numa ótica keynesiana, ou ainda como uma situação de estagnação, na linha proposta por autores pós-keynesianos.⁴

Para ultrapassar a barreira do subdesenvolvimento insiste-se na necessidade de um "grande esforço inicial", ou esforço inicial *mínimo*, por exemplo o "big-push" de Rosenstein-Rodan, que pode ou não estar concentrado num setor específico que, difundindo seu dinamismo, teria como finalidade "puxar" a economia toda, como afirmava a outrora célebre e hoje rejeitada concepção do setor dinâmico de W. Rostow. Depois, o processo deflagrado seria incessantemente retroalimentado através de injeções de "industrialização" (conceito depois paulatinamente substituído pelo de "modernização"), que possibilitariam o crescimento.

Ampla difusão têm as teorias nas quais o desenvolvimento é concebido como uma sucessão de etapas pelas quais necessariamente passariam, *grosso modo*, de igual maneira todas as sociedades no transcurso de sua história, a exemplo do caminho percorrido pelos países hoje desenvolvidos. A teoria mais

-
- (2) Aqui pode ser remarcado que, a respeito da definição dos termos *crescimento* e *desenvolvimento* de sua interrelação, tem-se verificado inúmeras disputas, mas certo consenso pareceria haver no sentido de que o crescimento alude a variações preponderantemente de ordem *quantitativa* enquanto desenvolvimento comporta em especial mudanças *qualitativas* substanciais. Assim, desenvolvimento seria uma noção bem mais abrangente do que crescimento.
 - (3) Bem elucidativa da inconsistência desta tese é a analogia empregada por O. Sunkel e P. Paz: "(...) a partir da análise do crescimento (...) um país subdesenvolvido se concebe como uma situação de atraso, de defasagem com respeito a situações mais avançadas, como se tratara de uma corrida na qual uns estão mais adiantados e outros vão ficando atrasados, mas onde todos competem em uma mesma pista (...) com idênticas regras de jogo para todos e sem relações de nenhuma espécie entre os competidores. In: O. SUNKEL e P. PAZ, *El Subdesarrollo latinoamericano y la teoría del desarrollo*, C. México, 1983, p. 25. Obviamente, comparados aos "mais avançados", todos os outros seriam subdesenvolvidos em maior ou menor grau, argumento que dispensa comentários adicionais.
 - (4) A explicação "estrutural elaborada por Paúl Prebisch, baseada no movimento de mercadorias e da deterioração dos termos da troca, não tem se imposto como explicação geral (mesmo esclarecendo alguns aspectos historicamente delimitados), já que a evolução mais recente da economia mundial não tem respaldado sua teoria.

difundida e conhecida a respeito é a de Walt W. Rostow, culminada no seu livro *As etapas do crescimento econômico* (1960), e que além de uma tentativa de delimitação técnico-material das etapas fundamentais do processo de crescimento das sociedades em industrialização, aspira a ser também uma teoria geral da História moderna, pretensão incabida, entre outras coisas, pela inexistência de um quadro de análise mais amplo ou da desconsideração do papel das classes ou grupos sociais.

Na base do estudo de processos evolutivos dos países atualmente desenvolvidos — que guardam similitudes significativas apesar de terem se verificado em períodos históricos, ritmos e modalidades bem dissímiles — conclui-se que deve se atuar no sentido de eliminar os obstáculos que estariam entravando o livre desenrolar do processo de avanço natural das economias menos avançadas. Tais autores são levados a colocar o problema como sendo, após a entrada no processo de desenvolvimento, uma mera “questão de tempo”.⁵

Mas, estas concepções unilaterais e deformadas da História, não têm obtido o sucesso que seus autores desejaram, apesar de sua ampla repercussão. Dificilmente se encontra nestas uma argumentação bem fundamentada do por que da evolução ter sido assim e, principalmente, porque ela revela uma tendência a acentuar cada vez mais o hiato que separa uns países dos outros. A baixa capacidade explicativa provém não só do fato de que passam por cima do papel dos outros aspectos do subdesenvolvimento, e portanto não abrangem o conjunto do processo em toda sua riqueza e multidimensionalidade, mas também do fato de tratar-se de uma teoria elaborada partindo da realidade concreta de certos países (paradoxalmente, os já desenvolvidos), e pretende-se depois transplantar essa teoria à problemática dos subdesenvolvidos. As explanações desse tipo, baseadas no esquema “seqüência de etapas”, são no fundo apenas descritivas, sem potencialidade analítica para explicar realmente a passagem de uma etapa a outra e muito menos de previsão das futuras. Não só é contestado o duvidoso poder explicativo de tais esquemas teóricos, suplantado por meras descrições empíricistas, mas também a tentativa de fazer do subdesenvolvimento uma fase comum de todas as economias. E finalmente, a prática não tem confirmado a validade dessas teorias.

Todas estas concepções, que apontam para o surgimento de sociedades que os ditos autores chamam de “modernas”, “industrializadas”, etc., colocam em evidência os aspectos técnico-materiais do processo de desenvolvimento, desprezando ou negligenciando o fato de tratar-se fundamentalmente de relações sociais que devem ser tratadas como tais. Fica patente que aqueles que concebem o desenvolvimento como um simples processo de crescimento, ou como uma seqüência linear de etapas, colocam a ênfase nos aspectos técnico-materiais necessários ao processo — implique ou não desenvolvimento verdadeiro. Aqui depende outra vez da aceção que cada autor tenha do desenvolvimen-

(5) O economista Celso Furtado tem destacado que o fenômeno do subdesenvolvimento não tem nada a ver com o tempo de existência de determinada sociedade ou país, pois o subdesenvolvimento não é considerado por ele como uma fase ou estágio do desenvolvimento, senão certo conjunto de nexos complexos (econômicos, sociais, políticos, culturais e outros) derivados do lugar que estes países no passado alguma vez ocuparam no processo de reprodução do sistema capitalista como um todo.

to, do bem-estar, da prosperidade da sociedade, enfim, da posição ideológica-metodológica de cada um.

Conforme essas visões reducionistas, logo após a guerra se assimilava, de maneira bastante simplória e errada, o desenvolvimento à industrialização, levado talvez pelo fato de que aquele é impensável sem um avanço maior ou menor desta. Só posteriormente foi evidenciado que o desenvolvimento supõe, em extensão e em profundidade, bem mais do que apenas progresso industrial. Para os teóricos tradicionais do ocidente isto significou passar da insistência da "industrialização" à da "modernização".

Os que reduzem o desenvolvimento ao crescimento são induzidos a atribuir excessiva importância apenas ao desempenho de certos agregados econômicos globais em relação à evolução demográfica. São estes indicadores os do tipo produção, renda, investimento ou consumo *per capita*. Em decorrência disso julgam a existência e eventual audamento de um processo de desenvolvimento através das respectivas taxas de crescimento desses indicadores. Negligenciam-se porém as diferenças internas dos agregados, em particular a desigual distribuição da renda (medida através da "dispersão").

Em termos de teoria econômica, trata-se em grande parte de autores de vocação keynesiana e, em especial, pós-keynesiana. Esses autores, em essência, reduzem os problemas do subdesenvolvimento a uma escassez de capitais que determinariam uma capacidade reduzida de acumulação (derivada da própria insuficiência de investimentos), com resultados nefastos sobre o nível de emprego e renda e do próprio equilíbrio dinâmico necessário para o crescimento. São identificáveis pela ênfase colocada nas taxas de investimento global por pessoa.

Ao aceitar esta perspectiva se absolutiza a industrialização como acontecimento decisivo no processo de desenvolvimento — como realmente o fora no seu tempo a "revolução industrial" para alguns países — tornando-a questão central da análise do subdesenvolvimento, já que através dela se atingiria o desenvolvimento. Mas, os que sustentam tal posição mal respondem à contra-argumentação de que antes de sua "revolução industrial" as economias hoje desenvolvidas *não* estavam frente a problemas comparáveis aos que apresentam atualmente as economias subdesenvolvidas. Em particular se destaca o contexto externo substancialmente diferente, já que não havia então nações mais desenvolvidas já dominantes, nem dois sistemas sócio-econômicos antagônicos rivalizando a diversos níveis, nem dissonantes elementos extra-sistema mais avançados dentro da própria economia, fato que tem levado muitos autores a falar em um "dualismo de estruturas", *modernas versus tradicionais*.⁶

Por todo o exposto, a tendência tem sido a de rejeitar cada vez mais a idéia de ser o subdesenvolvimento apenas ou principalmente um retardamento na industrialização, concomitante com o fato de não conseguir ultrapassar certo limite para assim atingir determinada etapa, mas o resultado de uma evolução histórica original imposta pelos países primeiro industrializados e que lideraram o processo de configuração do sistema mundial à sua conveniência. Deste modo, o subdesenvolvimento seria muito mais um fenômeno *pós-industrial* que *pré-in-*

(6) A explicação "dualista", de coexistência antagônica de dois tipos de estruturas, atualmente está ultrapassada e bem em desuso.

dustrial, O desenvolvimento de uns estaria na origem mesmo do não-desenvolvimento dos outros. O subdesenvolvimento não é mais o "insucesso de desenvolvimento", mas o *resultado* desse desenvolvimento. O desenvolvimento capitalista acelerado de uns países tem tido como contrapartida o bloqueio do desenvolvimento dos outros e a criação de sua condição de subdesenvolvimento.

Este enfoque vai ganhando força, quer seja em sua acepção "cepalina", estruturalista ou nas variantes marxistas. Assim, por exemplo, para os marxistas o subdesenvolvimento é em definitivo o produto de um sistema dotado de um mecanismo de exploração internacional que tem sido secularmente acionado, primeiro através dos Impérios coloniais e depois mediante todas as modalidades de neocolonialismo. Explicam a relevância atual do fenômeno do subdesenvolvimento com a teoria do imperialismo. O subdesenvolvimento tal como ele se apresenta no pós-guerra, é um resultado concreto de uma fase particular do processo histórico do desenvolvimento: a do capitalismo monopolista (de Estado). Nesse processo se estabelece um sistema de relações em que as economias avançadas, para manter sua posição de líderes e seu dinamismo, paralizam o desenvolvimento das outras economias, principalmente através dos intercâmbios internacionais e do movimento de capitais por eles controlados. A forma atual do subdesenvolvimento está assim marcada pelas características do imperialismo contemporâneo.

AS SAÍDAS APONTADAS

Não se pretende: analisar aqui o *sentido* mesmo do desenvolvimento, questão profundamente ligada à concepção filosófico-ideológica de cada um. Mas sim, constatar que é a partir dela que se definem os posicionamentos frente ao subdesenvolvimento e ao modo de superá-lo. Também não se vai entrar aqui nas *conseqüências* do subdesenvolvimento, aliás bem conhecidas e visíveis por todos os que vivem em tal contexto. Pelo contrário, apontar-se-á somente que o desenvolvimento tem como conseqüência não apenas o aumento dos indicadores *quantitativos*, mas fundamentalmente supõe a melhoria substancial de parâmetros *qualitativos* de difícil mensuração, tais como a qualidade da vida ou a situação humana derivadas do sistema sócio-econômico correspondente.

A noção de subdesenvolvimento/desenvolvimento abraçada por cada autor não é irrelevante nem constitui uma questão de interesse meramente teórico. A diferença de outras épocas, hoje, com o abandono da crença do dinamismo automático e espontâneo do sistema e na suficiência da "industrialização" ("modernização"), volta a preocupação com as leis do movimento da Humanidade e com as recomendações de como agir em profundidade para por em marcha ou acelerar a reprodução ampliada da economia em benefício da comunidade. Cada forma de encarar e definir o subdesenvolvimento pressupõe a adoção de posicionamentos concretos dela derivados, no que diz respeito à orientação da política a ser aplicada para passar do subdesenvolvimento ao desenvolvimento. E, evidentemente, toda atitude está predeterminada pela metodologia, ideologia e experiência de quem a adota.

Cada conceitualização privilegia uma ou outra característica ou faceta do subdesenvolvimento, apontando em conseqüência o que considera ser o ponto nevrálgico e a(s) sua(s) causa(s) básica(s), assinalando a via para sair dele.

Esta pressupõe mudanças mais ou menos profundas no sistema sócio-econômico.

Assim, quem por exemplo achar que o subdesenvolvimento é uma questão fundamentalmente de *pobreza*, insistirá na redistribuição da renda; quem acha tratar-se de simples *ausência de setores industrializados* reivindicará uma política de industrialização; os que vêem o problema na *situação estrutural* e institucional pedem uma mudança desta em maior ou menor grau, uma "modernização" apenas; para os que priorizam as *potencialidades sub- ou não aproveitadas* de recursos humanos e naturais, tendem a insistir em uma política de desenvolvimento voltada para a educação e a formação de mão-de-obra qualificada, para uma política de pleno emprego e para a utilização de técnicas modernas; os que entendem ser um problema de *dependência* por sua vez sugerem alterar as formas estabelecidas de articulação entre os países *dominantes* e os *dependentes*; para os que, em um espírito pós-keynesiano, encontram que é uma questão de *estagnação*, propõem a ruptura do bloqueio e modelos globais de crescimento; os que acham que se trata de *falta de recursos*, priorizam a poupança interna⁷ e/ou a captação de capitais no exterior.

Em geral, as abordagens relativistas, que vêem no subdesenvolvimento apenas um retardamento do desenvolvimento — vinculado ou não a certa incapacidade de dar o *impulso inicial mínimo* rumo ao desenvolvimento — têm inspirado muitas estratégias e políticas de desenvolvimento, implementadas sob a denominação de esforços de "industrialização" e de "modernização". Reduz-se nelas o desenvolvimento a uma questão de habilidade na cópia de modelos ou caminhos já trilhados, em cuja marcha se chegaria por imitação a uma pretensa "sociedade industrial", com a superação dos conflitos de interesses e a conquista de "harmonia social". Convém aqui lembrar a conclusão feita por C. Furtado a respeito de tais falácias: "sabemos agora de forma irrefutável que as economias de periferia nunca serão *desenvolvidas*, no sentido de similares às economias que formam o atual centro do sistema capitalista."⁸

Por outro lado, se bem que as explicações do subdesenvolvimento baseadas na degradação dos termos da troca não tenham se imposto, têm apontado para aspectos relevantes. Sua modificação a nível internacional traria um reajustamento na distribuição a nível mundial, o qual é condição necessária, embora não suficiente, para empreender a caminhada rumo ao desenvolvimento. Nisto insistem cada vez mais os autores que rejeitam a teoria neoclássica do comércio internacional. Tal teoria, além de no fundo afirmar ser o livre comércio a nível

(8) Celso FURTADO: *O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1974, p. 75.

(7) Segundo algumas concepções, que partem do suposto de que se poupa dos lucros e não dos salários (destinados a consumo), o que logicamente se depreende como correto é a promoção, através de uma política concentracionista, de desigualação crescente na distribuição da renda. Argumenta-se que assim se estimulam a poupança e os investimentos dela decorrentes. Frequentemente esta argumentação é empregada em benefício da classe dominante sob a alegação de que é imprescindível, ao menos numa primeira etapa, para se abrir as portas ao desenvolvimento, rompendo assim o círculo vicioso e adquirindo o *impulso inicial mínimo*, já aludido. Os custos sociais de tal política já têm sido fortemente sentidos pelas diversas camadas da população, em particular as mais carentes, em vários países, o Brasil dentre eles.

mundial o que permitiria a melhor utilização dos recursos, pretende que este otimizaria o desenvolvimento de cada nação através da "transmissão do crescimento" ou do "crescimento induzido". Esse automatismo tem sido veementemente desmentido pela prática.

São várias as teorias que propõem a ruptura prévia do relacionamento desigual com os países capitalistas avançados como premissa para avançar em prol do desenvolvimento. Essas teorias, em especial as de inspiração ou cunho socialista, propõem ainda a reestruturação da economia e da sociedade para poder efetivamente se proceder a uma reprodução ampliada nas dimensões e direcionamento necessários. O ponto de estrangulamento na reprodução ampliada consiste na apropriação de uma parte do excedente pelos países imperialistas, e em que a parte do excedente que fica no país não tem habitualmente um destino produtivo.⁹ Coloca-se a verdadeira independência política e econômica, efetivada através da implantação de um intercâmbio comercial equitativo e de uma cooperação científica e técnica, como premissa para o real desenvolvimento.

Todos os países subdesenvolvidos têm efetuado, em maior ou menor medida, esforços visando avançar para o desenvolvimento. Programas de desenvolvimento têm se sucedido incessantemente desde então, sem maiores resultados. É incontestável que antes, no primeiro período "pós-revolução industrial", os retardamentos não tinham o caráter irremediável que apresentam hoje, devido às limitações externas e também internas acima assinaladas. Continua o subdesenvolvimento e também o aumento crescente do hiato que separa os países desenvolvidos dos subdesenvolvidos, embora alguns destes países tenham aumentado consideravelmente sua renda *per capita*. Isto tem abalado as teorias existentes sobre o subdesenvolvimento que não postulam mudanças substanciais nas formas de organização social para sair do subdesenvolvimento.¹⁰ Em contrapartida, tal constatação tem levado muitos à conclusão de que tais transformações são imprescindíveis. Isto reabre a grande discussão sobre a natureza e magnitude das mudanças requeridas.

A MODO DE CONCLUSÃO

As raízes históricas do subdesenvolvimento remontam à deflagração da "revolução industrial" dos séculos XVIII e XIX. Mas a problemática dos países subdesenvolvidos torna-se centro da atenção só no pós-guerra em decorrência do novo panorama geral. Da atitude inicial de simples denúncia, nos anos 50 (e ainda anos 60) passa-se a tratar o subdesenvolvimento como um retardamento apenas do desenvolvimento, superável através do crescimento econômico via "industrialização" ("modernização") já que com um "impulso inicial mínimo" se

(9) Certos autores têm mesmo chegado a afirmar que a essência das economias subdesenvolvidas radica na utilização peculiar do excedente, que se destina ao financiamento do consumo cada vez mais diversificado e sofisticado da classe dominante.

(10) Para reforçar a tese da incoerência de tais concepções pode-se citar C. Furtado, que em sua obra *O mito do desenvolvimento econômico* (Rio de Janeiro, 1974), caracteriza a economia do Brasil como sendo um "(...) exemplo interessante de quanto um país pode avançar no processo da industrialização sem abandonar suas principais características de subdesenvolvimento" (p. 95).

poderia romper o "círculo vicioso" do subdesenvolvimento.

Nos anos 70, com a constatação dos fracassos das políticas desenvolvimentistas e do aumento do desequilíbrio entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos, reexaminam-se as teorias e modelos tradicionais. No lugar de insistir-se nos investimentos e na redistribuição da renda, desde então priorizar-se-á o tratamento do problema através de suas conseqüências (e não das causas) visíveis do subdesenvolvimento, promovendo-se o combate direto à pobreza e ao desemprego.

Por outra parte, os cientistas não tradicionais vão rever as abordagens, e se avançará no sentido de reconhecer sua complexidade e sua índole social. O subdesenvolvimento aqui não é mais visto como um insucesso do desenvolvimento, mas como o resultado mesmo do desenvolvimento, onde o processo de formação do sistema capitalista determinou que os países que lideraram a "revolução industrial" criaram mecanismos tais que bloquearam o desenvolvimento dos outros. A lógica do desenvolvimento capitalista se encarregou do demais.

O subdesenvolvimento vai assim ser absorvido cada vez mais como um fenômeno social complexo, que vai requerer um tratamento que implique transformações substanciais para sua eliminação, não limitadas aos aspectos técnico-materiais. E, segundo o enfoque metodológico, e o filosófico-ideológico a esse indissoluvelmente ligado, ter-se-á uma proposta prática de como agir, a qual nunca é descompromissada com uma ou outra posição política.

São as posições que se adotam em torno à natureza e magnitude das mudanças necessárias no sistema sócio-econômico e político-institucional as que definem a relação de cada um frente ao grande debate contemporâneo sobre o subdesenvolvimento.